

‘NÓS PEGA O PEIXE’: DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E PRECONCEITO NA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO LÉXICO-GRAMATICAL DA SOCIOLINGUÍSTICA NA MÍDIA

Raquel Bevilaqua¹ &
José Ferreira Machado Junior²

Introdução

Dependendo da perspectiva com a qual olhamos para a linguagem, esta pode ser comparada a um prisma de cristal que, ao refletir a luz incidente sobre si, reproduz diferentes feixes de cores e matizes. Sob essa perspectiva particular do olhar, o que evidenciamos são as variedades linguísticas que constituem a linguagem.

A variedade linguística é um dos muitos modos de se falar a mesma língua (BAGNO, 2007, p. 47), modos estes que são constituídos por variáveis sociais como origem, condição socioeconômica, idade, sexo, classe social, nível de escolaridade, etc. Olhada a partir dessa ótica, a língua, homogênea e pura, é uma idealização, uma abstração, alcançada por meio da eliminação do que potencialmente representaria um risco à sua homogeneidade, ou seja, os próprios sujeitos que a falam em condições e contextos diversos. Essa discussão leva-nos aos princípios epistemológicos e científicos que fundaram a Linguística, no início do século XX. Ferdinand de Saussure, na empreitada de elevar a Linguística ao estatuto de ciência, optou por um ponto de vista que, ao considerar seu objeto de estudos, a língua, buscou eliminar tudo o que lhe fosse “estranho”, “externo” (SAUSSURE, 2006, p. 29), entendido como heterogêneo. Logo, a dicotomia língua (sistema abstrato unificado) *versus* fala (individual, mutável) buscou resolver um problema que então se lhe mostrava: como tratar as questões heterogêneas no estudo da língua? Críticos de Saussure, outros teóricos defendem a existência (e o reconhecimento) de variedades da língua, faladas por diferentes sujeitos, de diferentes contextos sociais, políticos e ideológicos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009; BOURDIEU, 2008; BAGNO, 2007; LABOV, 1972). Essas variedades podem ser comparadas a diferentes feixes, que instauram uma concepção heterogênea de língua.

As premissas teóricas sobre a heterogeneidade da língua e a necessidade de se considerá-la quando do seu estudo surgiram na década de 60, do século XX, com os trabalhos pioneiros de

¹ Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria. Professora de Linguagens do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria.

² Aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria. Professor de Inglês do Colégio Militar de Santa Maria.

William Labov. A Sociolinguística é um campo investigativo voltado ao estudo do fenômeno da língua que considera, como ponto de partida, os falantes reais dessa língua, partícipes e co-construtores de uma sociedade que é dividida em classes, que apresenta conflitos sociopolíticos e culturais e que está imersa em disputas de poder (BAGNO, 2007, p. 22-3).

Embora a Sociolinguística tenha se debruçado sobre o estudo das variedades da língua há um certo tempo, buscando esclarecer-nos sobre essas questões e combater preconceitos instaurados por visões, no mínimo, idealizadoras do uso de uma língua pura, seus postulados têm sido pouco compreendidos e até mesmo difamados na mídia. Uma breve incursão no que tem sido publicado na mídia sobre a questão das variedades da língua mostra o quanto de incompreensão e de intolerância tem prevalecido sobre essas importantes questões e suas conseqüentes contribuições para as relações sociais e para a conquista da cidadania (BAGNO, 2007, p. 20). Isso tem se configurado como um problema para a ciência da linguagem por duas razões: a primeira razão aponta para a quase invisibilidade da ciência da linguagem nas práticas sociais de popularização da ciência (doravante PC) (MOTTA-ROTH, 2009), isto é, quase não há, na mídia, gêneros discursivos que explicam princípios teórico-metodológicos e resultados de pesquisas relativos à ciência da linguagem para o público de não especialistas, fato que poderia explicar, em parte, as manifestações preconceituosas e equivocadas quanto às variedades linguísticas; a segunda razão decorre dos efeitos (desastrosos, no que concerne à Sociolinguística) dos poucos gêneros que, tendo ou não este propósito, acabaram por popularizar a ciência da linguagem a partir de uma polêmica, oriunda da distribuição de um livro didático de Língua Portuguesa, distribuído pelo Ministério da Educação (MEC) para alunos jovens e adultos, em 2011, conforme descrito no decorrer deste artigo.

A popularização da ciência pode ser entendida como uma prática social que busca colocar a ciência no campo da participação popular (MARCUSOZZO, 2011, p. 14-15). A prática de PC apresenta três objetivos que se inter-relacionam e que, assim compreendidos e assim realizados, presta(ria)m um serviço à sociedade. São eles: a) objetivo educacional, que visa à compreensão de princípios e procedimentos científicos pela população em geral, isto é, pelo público não especialista; b) objetivo cívico, que se relaciona à formação da opinião pública sobre os impactos da ciência acerca das condições de vida; e c) objetivo de mobilização popular, que busca fomentar a participação do público em questões que “envolvam não só políticas públicas para o fazer científico, mas também aquelas referentes a escolhas relativas às tecnologias produzidas para mediações/intervenções nos processos produtivos e sociais” (MARCUSOZZO, 2011, p. 14-15). No entanto, os gêneros midiáticos que publicizaram a questão em pauta e instauraram um *pseudo*

debate³ sobre ela não realizaram os objetivos supracitados, pois não esclareceram satisfatoriamente a sociedade sobre os princípios e objetivos da Sociolinguística, não fomentaram a formação de uma opinião pública sobre a questão, ao apresentar outras versões sobre esta (como a dos próprios especialistas sobre o assunto), e não mobilizaram a participação popular para tomar parte de um debate aberto e esclarecedor.

Embora os estudos do Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação (LABLER), da Universidade Federal de Santa Maria, sobre gêneros de popularização da ciência tenham constatado que são raras as notícias, reportagens, documentários televisivos, etc. que popularizam a ciência da linguagem em jornais, revistas e canais televisivos nacionais e locais (MOTTA-ROTH, 2009, p. 136-7), em maio de 2011, a distribuição do livro didático, “Por uma vida melhor”, atraiu a atenção da mídia de massa. Por meio de uma controvérsia instaurada sobre variedades da língua portuguesa falada, apresentadas na obra com o intuito pedagógico de levar ao conhecimento de alunos jovens e adultos o caráter heterogêneo da língua em uso, foi possível observar o modo como a ciência da linguagem, mais especificamente, os aportes teóricos da Sociolinguística foram popularizados na mídia de massa.

Muitos e diferentes gêneros midiáticos publicizaram a questão, ora recontextualizando as teorias sociolinguísticas, ora tomando para si e para profissionais outros que não linguistas o papel de emitir opiniões de âmbito técnico sobre o teor da obra. Em relação a esses diferentes gêneros discursivos da mídia, no presente artigo, selecionamos uma notícia publicada na revista “Veja” *online*, com o intuito de analisar como um ramo da ciência da linguagem, a Sociolinguística, é representado, léxico-gramaticalmente nessa notícia. Importante esclarecer que, embora a referida notícia não possa ser considerada como notícia de popularização da ciência propriamente dita (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009), ainda assim, a nosso ver, ela populariza conceitos referentes à ciência da linguagem, uma vez que recontextualiza parte de princípios concernentes à Sociolinguística, explicando-os para um público leitor não especialista.

Para a realização da análise proposta, apoiamo-nos nos princípios teórico-metodológicos da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), mais especificamente, no sistema de transitividade.

³ Caracterizamos os debates realizados na mídia de *pseudo* por entendermos que um debate genuíno envolveria o diálogo, isto é, primeiro, “*simetria* entre participantes na sua capacidade de contribuir para a discussão, segundo, uma *liberdade* para todos *expressarem* suas *perspectivas particulares*, e terceiro, uma orientação simultânea para a aliança e para o desenvolvimento de uma nova e compartilhada voz sobre a questão em pauta” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 64) (Tradução e ênfase nossas). Em relação à mídia de massa, os debates instituídos sequer cumpriram a primeira condição, qual seja, a de simetria, uma vez que raros foram os linguistas chamados a avaliar a questão.

Este artigo está organizado em cinco seções: esta introdução, uma segunda seção em que realizamos uma breve revisão da literatura; uma terceira seção na qual discorremos sobre o *corpus* de trabalho e a metodologia para seu tratamento; uma quarta seção em que realizamos a análise do *corpus* para, finalmente, na quinta seção, apresentarmos a discussão dos resultados e as considerações finais.

Revisão da literatura

Nesta seção, realizamos uma breve revisão da literatura em que buscamos situar as condições de produção do *corpus* analisado por meio da investigação contextual (HALLIDAY, 1989). Além disso, aportes teóricos referentes à Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), que sustentam nossa análise, são considerados.

Em termos do contexto de produção da notícia em análise, partimos do pressuposto de que o significado potencial de qualquer texto está atrelado a dois níveis contextuais distintos, quais sejam, o contexto de cultura e o contexto de situação (HALLIDAY, 1978). Abordamos, em um primeiro momento, o contexto de cultura, mais abrangente que o contexto de situação, pois é constituído pela ideologia, que dá valor ao texto e determina sua interpretação (HALLIDAY, 1989, p. 46).

É possível analisar o contexto de cultura a partir da perspectiva dos estudos dos gêneros do discurso. O gênero do discurso pode ser compreendido como “um meio retórico para a mediação das intenções privadas e da exigência social; ele é motivador ao ligar o privado com o público, o singular com o recorrente.” (MILLER, 2009, p. 41). De acordo com Bazerman (2005, p. 85), os gêneros nos ajudam a transitar dentro dos complexos mundos da atividade simbólica, uma vez que, ao reconhecer uma espécie de texto, reconhecemos muitas questões sobre a situação social e institucional, as atividades propostas, os papéis disponíveis (ou alocados) aos seus interlocutores, os motivos, as ideias, a ideologia e o conteúdo esperado de dado texto e o lugar que isso tudo pode ter em nossa vida. Os gêneros discursivos, que medeiam as relações sociais tipificadas em situações recorrentes (MILLER, 2009), possibilitam-nos, assim, observar o contexto de cultura ao qual está atrelado.

Enquanto gênero notícia, esta é definida estruturalmente pelo jornalismo moderno como “relato de uma série de fatos a partir do mais importante ou interessante”, numa estrutura lógica (LAGE, 2005, p. 60). Sua construção envolve técnicas jornalísticas específicas que dizem respeito à escolha de vocabulário, à ordenação de informação e ao tratamento das fontes (FRANCESCHINI, 2004, p. 148 apud MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009, p. 238). Dessa forma, é possível definirmos o

gênero notícia como um acontecimento pontual em contraste, por exemplo, com o gênero reportagem, que pondera sobre um tema, apresentando uma interpretação sobre situações ou fatos relacionados a esse tema (LAGE, 2005, p. 61). Logo, a notícia apresenta um caráter factual, buscando relatar um fato a partir de um ponto de vista, *a priori*, mais objetivo e imparcial, deixando ao leitor a tarefa de atribuir a ele possíveis interpretações.

A notícia em questão foi publicada na revista “Veja”, em 20 de maio de 2011, na seção ‘Notícia’. Este veículo midiático é, de acordo com informações da editora Abril⁴, a revista mais lida do país no seu segmento. Embora publicado na seção ‘Notícia’, da edição *online* da revista, é importante acrescentar que observamos que o texto em questão é constituído por uma série de escolhas lexicais que constroem avaliações e juízos de valor sobre a questão, ‘transgredindo’ os propósitos sociais de pretensa imparcialidade e objetividade inerentes, a princípio, ao gênero discursivo notícia, conforme mencionamos. Segundo as explanações anteriores sobre notícia e reportagem, o texto em questão poderia ser classificado muito mais como uma reportagem (devido ao seu cunho interpretativo) do que notícia. No entanto, conjecturamos sobre as possíveis razões para que a revista tenha classificado o texto como notícia. Como não entrevistamos os editores e jornalistas da revista, o máximo que podemos fazer é levantar hipóteses sobre essa classificação. A primeira delas é a de que pode ter havido um engano ao postar o texto como notícia (e não reportagem) no *site* da revista. Outra hipótese seria a de que seus editores podem ter uma outra concepção sobre o gênero notícia, diferente daquela apresentada aqui. Uma última hipótese levantada relaciona-se a um possível desejo intencional de representar o fato e suas interpretações como notícia, isto é, como um acontecimento factual. De qualquer forma, são apenas hipóteses, mas que nos fazem refletir sobre as classificações e representações que a mídia institui.

Conforme compreendemos aqui, a mídia é uma instituição social capaz não apenas de divulgar informações, mas também de construir representações sobre como as coisas são ou *deveriam* ser (FAIRCLOUGH, 1995) (ênfase nossa). Isso pode ser percebido a partir das inúmeras notícias e reportagens, entre outros gêneros, produzidas a partir de maio de 2011 para relatar o que então fora amplamente designado como o ‘ensino do erro’. Grande parte dos textos produzidos nesse período e divulgados em revistas e jornais girou em torno dos três enunciados apresentados no livro didático “Por uma vida melhor”⁵ (2011), que estão em desacordo com a norma padrão da Língua Portuguesa, quais sejam: 1. “Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.” (2011, p. 15); 2. “Nós pega o peixe”; e 3. “Os menino pega o peixe.” (2011, p. 16). A partir desses

⁴ Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/editora-abril.shtml>>. Acesso em: 05 jul. 2012.

⁵ O primeiro capítulo da obra “Por uma vida melhor”, que deu origem a toda a polêmica veiculada na mídia, pode ser acessado pelo endereço <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/V6Cap1.pdf>>. Último acesso em janeiro de 2013.

enunciados, presentes em duas páginas do livro didático em questão e seguidos de explicações sobre as variedades linguísticas, bem como da respectiva comparação à norma padrão (isto é, o livro apresenta, de fato, as regras gramaticais tradicionalmente conhecidas e ensinadas, que estão presentes em todo o restante da obra), a mídia tratou o assunto como uma polêmica, acusando o material distribuído pelo MEC de realizar uma apologia ao erro gramatical, instituindo, conseqüentemente, a ‘desaprendizagem’ nas escolas. Todas essas questões mencionadas fazem parte do contexto de cultura em que o *corpus* deste trabalho foi originado. Passemos à segunda categoria de análise contextual, qual seja, o contexto de situação.

Para a análise do contexto de situação, consideramos o conceito de registro, entendido como o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando. O registro, que é um exemplar de um gênero, sua materialização, indica a variação de acordo com o uso da linguagem, e é constituído por três variáveis (HALLIDAY, 1989, p. 12): Campo, que diz respeito à atividade que está ocorrendo, à natureza da ação social; Relações, que remetem aos papéis assumidos pelos participantes da interação (distância social, grau de formalidade); e Modo, que aponta para o papel simbólico e retórico da linguagem.

O registro do gênero notícia é a própria notícia “As lições do livro que ‘desensina’”, cujo contexto de situação é formado pelas três variáveis supracitadas, que se relacionam ao ambiente imediato no qual o texto está inserido. Em relação à primeira variável, Campo, temos uma notícia que trata do livro didático de Língua Portuguesa distribuído pelo MEC a alunos da EJA, em 2011; no que tange à segunda variável, Relações, identificamos a relação estabelecida entre a autora da notícia e público-leitor como de máxima distância social, uma vez que a autora do texto escreve-o para que o leitor (potencialmente desconhecido) o leia; por fim, quanto à variável Modo, classificamos o texto como verbal e não verbal (pois há a presença de imagem), em que a linguagem é constitutiva e o canal é gráfico.

À luz da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), objetivamos, como já mencionamos, analisar o modo como a representação léxico-gramatical da ciência da linguagem, mais especificamente, da Sociolinguística, é construída a partir da referida polêmica. Para que possamos empreender em tal tarefa, é necessário que abordemos postulados teóricos que sustentam nossa análise.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), teorizada por Michael Halliday (1989), baseia-se no estudo paradigmático da língua, isto é, as potencialidades do sistema da língua, e não no seu estudo sintagmático, ou seja, estrutural, constituído por padrões ou regularidades (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 22). Por essa razão, o foco da LSF recai sobre as *escolhas*, realizadas a partir do conjunto de sistemas da língua, e instanciadas pelo falante. Essas escolhas, os autores

esclarecem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, p. 24), não são de todo conscientes e/ou aleatórias, uma vez que são perpassadas e constituídas por questões sociais, culturais e ideológicas mais amplas.

Segundo a concepção epistemológica da LSF, a linguagem possui funções básicas, denominadas por Halliday e Matthiessen (2004, p. 29) de metafunções, que medeiam e constituem nossas experiências e relações com o mundo. Para os autores, duas dessas funções são as principais: a construção de sentidos sobre nossas experiências e nossa atuação nas relações sociais. As metafunções, de acordo com Fuzer e Cabral (2010, p. 21), “são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (metafunção ideacional [ou representacional]), relacionar-se com os outros (metafunção interpessoal) e organizar a informação (metafunção textual)”. Neste artigo, detemo-nos na primeira metafunção (ideacional) por ser a responsável pela expressão da experiência de mundo material ou de mundo interior por parte de um enunciador.

Em nível da metafunção ideacional, Halliday e Matthiessen (2004), ao considerarem a oração como unidade de análise, propõem o sistema de transitividade para a identificação, classificação e análise das orações que materializam as representações em textos. O sistema de transitividade é constituído por seis tipos de processos (ou forma verbal, na nomenclatura tradicional); três desses processos são considerados pelos autores como principais, ou primários: processos materiais, processos mentais e processos relacionais. Os outros três são considerados processos de fronteira, uma vez que se constituem no limiar entre os três primeiros. São eles: processos comportamentais, verbais e existenciais.

Os processos materiais são representados por orações que expressam o fazer e o acontecer de uma entidade. Uma oração material constrói um *quantum* de mudança no fluxo de eventos e decorre do investimento de energia para que algo aconteça (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 179). As orações materiais possuem como participantes principais Ator e Meta, que podem ainda ser acompanhados dos participantes adicionais Escopo e Beneficiário. Os processos mentais estão relacionados com a nossa experiência do mundo da nossa própria consciência. As orações mentais expressam o sentir, o perceber, o pensar e o desejar de um ser consciente. Têm como participantes o Experienciador e o Fenômeno. Os processos relacionais - o terceiro tipo principal de processo - servem para caracterizar e identificar entidades. Os processos relacionais constituem dois tipos de orações com respectivos participantes. No caso de oração relacional atributiva, os participantes são Portador e Atributo; em se tratando de uma oração relacional identificadora, os participantes são Identificado e Identificador.

Dentre os processos que se constituem na fronteira com os três principais tipos de processo esboçados acima, Halliday e Matthiessen (2004) apresentam os processos comportamentais, verbais e existenciais. Os processos comportamentais são aqueles que representam o comportamento psicológico e fisiológico (algo tipicamente humano). São os menos distintos de todos os seis processos e apresentam características materiais e mentais. Seu participante típico é o Comportante, que pode ser acompanhado de um participante alternativo, o Comportamento. Outro tipo de processo intermediário é o verbal, que engloba as orações do dizer. Essas orações contribuem para a criação da narrativa ao tornar possível o diálogo. Situam-se entre os processos relacional e mental. Seus participantes são o Dizente, a Verbiagem, o Receptor e o Alvo. Por último, estão os processos existenciais, os menos frequentes no discurso. Esses representam que algo existe ou acontece e se localizam entre os processos materiais e relacionais. Possuem como participante a entidade ou evento que se diz existir, denominado por Halliday e Mathiessen (2004, p. 258) de Existente.

As informações acima acerca dos seis diferentes processos constituem, como já afirmamos, o sistema de transitividade, que visa a possibilitar a análise sobre como representamos nossas experiências. É por meio desse sistema que realizamos a análise do *corpus*.

Na próxima seção, descrevemos o *corpus* e a metodologia para sua análise.

Metodologia de análise

Nesta seção, o *corpus* de trabalho e a metodologia para sua análise são explicitados.

Descrição do Corpus

O *corpus* de trabalho é composto por uma notícia da revista “Veja” *online*, cujo título é “As lições do livro que ‘desensina’”⁶, publicada no dia 20 de maio de 2011, sobre a polêmica do livro didático do MEC, que, de acordo com a notícia, estaria realizando uma apologia ao erro gramatical. O livro didático, “Por uma vida melhor”, foi produzido por uma Organização Não-Governamental denominada “Ação educativa” e é direcionado a alunos da modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), do II ciclo do ensino fundamental, o que equivaleria às séries finais dessa modalidade de ensino.

⁶ Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/as-licoes-do-livro-que-desensina>>. Acesso em: 13 de jun. de 2012.

Os critérios que nos levaram à seleção desse *corpus* são os seguintes: 1. temática sobre a área de Linguística/linguagem; 2. gênero discursivo notícia; 3. veículo de comunicação de grande abrangência nacional.

Procedimentos de análise

Os procedimentos de análise estão divididos nos seguintes passos: 1. segmentação do texto em blocos, que correspondem aos parágrafos do texto; 2. segmentação do texto em orações; 3. identificação, no texto, das orações em que há vocábulos que funcionam como referentes para Sociolinguística (consideramos como recursos remissivos à Sociolinguística os termos expressos na síntese do Quadro 1); 4. mapeamento das orações em que Sociolinguística e outros recursos remissivos (vide Quadro 1 abaixo), que fazem referência a essa linha de estudos da linguagem, figuram como participante; 5. análise das orações mapeadas com o objetivo de delinear a representação, em termos léxico-gramaticais, da Sociolinguística no texto selecionado.

A análise das orações foi realizada na ordem em que surgiram no texto. Por essa razão, dividimos o texto em blocos, correspondentes aos parágrafos do texto. Assim, o primeiro bloco de orações (designado de B1) refere-se às orações de um único parágrafo do texto (não necessariamente o primeiro), em que identificamos as orações sob os critérios acima.

Labov (Estudos de, pesquisas de); Disciplina/abordagem; Linha de pensamento; ideia(s); Ela, esse, que
--

Quadro 1 - Levantamento dos recursos remissivos para Sociolinguística

Ao todo, com o critério de seleção das orações estabelecido, chegamos ao número de 23 orações para a análise, distribuídas em cinco blocos (B):

- B1: 14 orações;
- B2: 2 orações;
- B3: 1 oração;
- B4: 3 orações;
- B5: 3 orações.

Análise e interpretação dos dados

Nesta seção, realizamos a análise das orações mapeadas. Com esse propósito, apresentamos os blocos de orações e, em seguida, sua análise.

(1) Tanto a exposição quanto o livro representam uma **linha de pensamento** nascida há 50 anos fruto do trabalho do americano **William Labov**, da Universidade da Pennsylvania, (2) **que** se debruçou sobre as variedades populares do inglês utilizadas em diferentes regiões e por grupos sociais distintos.

[...]

A **sociolinguística** – (3) **esse** é o nome da **disciplina** –(4) busca uma **abordagem** científica das línguas, mais descritiva do que normativa. (5) **Ela** procura entender cada variação de um idioma e por isso (6) **[ela]** passa ao largo das questões de certo e errado.

[..]

(7) A **sociolinguística** pode render uma mostra informativa – e divertida – como *Menas*. (8) **Ela** também leva estudantes universitários de português e pedagogia a reflexões importantes sobre a maneira como as pessoas utilizam a linguagem em diferentes lugares e estratos sociais.

[...]

(9) Mas, [a Sociolinguística] utilizada de maneira torta num livro didático como *Por Uma Vida Melhor*, e (10) misturada a um blá-blá-blá ideológico sobre “preconceito” e “classes dominantes”, (11) **essa abordagem** é nada menos que um desatino, (12) **[essa abordagem]** propagando a ideia de que a norma culta e a educação formal são fardos aos quais as pessoas devem ser curvar por imposição social, e não pelos benefícios que elas propiciam.

[...]

(13) Os **estudos de Labov** começaram a influenciar pesquisadores brasileiros no início dos anos 1970, (14) quando **estudos de sociolinguística** surgiram nas principais universidades do Brasil.

Quadro 2 - Bloco 1 de orações (recursos remissivos destacados)

O primeiro bloco de orações (B1), acima, é constituído de 14 orações. Nele, a voz autoral, após situar o assunto de seu texto e apresentar informações sobre o livro didático, “Por uma vida melhor”, e sobre o Museu de Língua Portuguesa, introduz informações que concernem à explanação do assunto. Na oração (1), “Tanto a exposição quanto o livro representam uma linha de pensamento nascida há 50 anos, fruto do trabalho do americano William Labov, da Universidade da Pennsylvania”, observamos que há uma linha de pensamento, figurando como Atributo dos

Portadores ‘exposição’ e ‘livro’. O Portador ‘exposição’ refere-se a uma exibição realizada no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, em 2010, em que diferentes variedades linguísticas foram exibidas em uma mostra chamada “Menas”. Já o Portador ‘livro’ refere-se ao livro didático “Por uma vida melhor”. Na oração em questão, ambos os Portadores têm, por Atributo, uma ‘linha de pensamento’ que foi desenvolvida por William Labov. Essas informações encontram-se no terceiro parágrafo da notícia e são a primeira referência à Sociolinguística. Por meio da oração relacional, podemos observar que esse ramo da ciência da linguagem é conceituado como uma linha de pensamento do pesquisador William Labov. Na oração (2), “que se debruçou sobre as variedades populares do inglês utilizadas em diferentes regiões e por grupos sociais distintos”, o pronome relativo ‘que’ retoma o pesquisador William Labov, cujo papel desempenhado na oração mental é de Experienciador do Fenômeno ‘variedades populares’. Tal oração apresenta informações sobre as pesquisas de Labov quando da constituição da ciência Sociolinguística, que teve por objeto de estudo os diferentes usos da língua advindos de diferentes grupos sociais habitantes de regiões distintas. Essa ideia está materializada no processo ‘debruçar-se’, cujo sentido é de ‘estudar’.

Na oração (3), “esse é o nome da disciplina”, observamos que o pronome demonstrativo ‘esse’ refere-se à Sociolinguística como participante de uma oração relacional em que exerce a função de Identificado do Identificador ‘o nome da disciplina’. Essa oração é responsável por fazer referência, no texto, pela primeira vez à ‘Sociolinguística’, funcionando como um aposto. Na oração (4), “[a Sociolinguística] busca uma abordagem científica das línguas, mais descritiva do que normativa”, ‘Sociolinguística’ funciona como Ator de uma oração material cuja Meta é ‘uma abordagem científica das línguas’. Entendemos que, semanticamente, o processo material ‘buscar’ é caracterizado por uma ação inacabada de procura, de investigação. Assim, observamos que a ‘Sociolinguística’ está em processo de constituição de uma abordagem científica, uma vez que o processo material ‘buscar’ pressupõe não haver encontrado ainda, pelo menos inteiramente, o que se ‘busca’.

Em (5), “Ela [a sociolinguística] procura entender cada variação de um idioma [...]”, há uma oração mental instanciada pelo processo ‘entender’, em que a Sociolinguística funciona como Experienciador do Fenômeno ‘cada variação de um idioma’. Acompanhada do processo ‘procurar’, essa construção léxico-gramatical sugere que essa ciência, de forma análoga à oração anterior, ainda não compreende totalmente seu Fenômeno, pois ‘procurar’ pressupõe não haver encontrado ainda. Também em (6), “[a Sociolinguística] passa ao largo das questões de certo e errado”, identificamos uma oração mental, em que a Sociolinguística funciona como Experienciador e ‘as questões de certo e errado’ funcionam como Fenômeno. O processo ‘passar ao largo’ é passível de ser

interpretado como dar pouca atenção, menosprezar. Disso decorre que a Sociolinguística não dá a devida importância aos aspectos linguísticos referentes à norma padrão.

Na oração relacional (7), “A sociolinguística pode render uma mostra informativa – e divertida – como Menas”, Sociolinguística desempenha o papel de Portador do Atributo ‘mostra informativa e divertida’. Em (8), “Ela também leva estudantes universitários de português e pedagogia a reflexões importantes sobre a maneira como as pessoas utilizam a linguagem em diferentes lugares e estratos sociais”, a oração é classificada como material, e Sociolinguística desempenha o papel de Ator do processo ‘levar a reflexões’ (no sentido de fazer refletir). A partir dessas duas orações, observamos que a voz autoral da notícia caracteriza a Sociolinguística de forma ambivalente: ora como entretenimento, ora como recurso de informação e reflexão sobre o uso da linguagem. É importante ressaltarmos que a voz autoral faz uso de uma oração relacional empregada para ‘dizer’ o que as coisas são - para imputar à Sociolinguística um Atributo jocoso. Em (08), em que a voz autoral reconhece a importância da Sociolinguística, é empregada uma oração material, cujo efeito de sentido não é o de definir o que ela é, mas sim informar o que ela faz. A partir disso, entendemos que ‘atribuir’ produz um efeito de sentido diferente do ‘fazer’, já que aquele processo está associado com a ‘identidade’ (essência ontológica) da ciência em questão, e esse, diferentemente, está associado com a ‘atuação’ (criativa ou transformativa) dessa ciência.

Na oração (9), “Mas, [a Sociolinguística] utilizada de maneira torta num livro didático como Por Uma Vida Melhor”, temos Sociolinguística como Meta de uma oração material receptiva, cujo Ator foi apagado. A circunstância do uso da Sociolinguística é descrita como desviante da norma padrão. O mesmo ocorre na oração (10), “[...] misturada a um blá-blá-blá ideológico sobre “preconceito” e “classes dominantes””, em que Sociolinguística e ideologia sobre preconceito são Meta de uma oração material receptiva. A oração (11), “[...] essa abordagem é nada menos que um desatino”, funciona como Portador do Atributo ‘um desatino’, cujo sentido evocado é aquele contrário à razão, ao pensamento racional e ordenado, uma das exigências para o desenvolvimento de um pensamento e uma prática científicos. Além disso, em (12), “[essa abordagem] propagando a ideia de que a norma culta e a educação formal são fardos aos quais as pessoas devem ser curvar por imposição social, e não pelos benefícios que elas propiciam”, Sociolinguística, em elipse, aparece como Dizente do processo verbal ‘propagando’, o qual apresenta uma oração projetada, que explica essa ideia de que a ‘norma padrão e educação formal’ representam ‘fardos’, entendido como algo difícil.

Importante acrescentarmos que o termo ‘norma culta’, utilizado na notícia, não é sinônimo de norma-padrão, como estamos empregando aqui, uma vez que, segundo Bagno (2007, p. 19), o adjetivo ‘culto’ possui uma conotação ideológica, carregando consigo forte preconceito social

(culto, erudito *versus* não-culto, não-instruído). Já o termo ‘norma-padrão’, ainda segundo o teórico (BAGNO, p. 96), é mais indicado, pois é uma construção político-ideológica, que se constitui em um “modelo de língua, de construção artificial”, situada em uma esfera idealizada de uso de língua. Não é, portanto, “uma das variedades linguísticas empiricamente observáveis no uso dos falantes em comunidade” (BAGNO, p. 98).

Em (13), “Os estudos de Labov começaram a influenciar pesquisadores brasileiros no início dos anos 1970”, há uma oração material abstrata em que identificamos ‘os estudos de Labov’ como Ator, cuja Meta é pesquisadores brasileiros. Por meio dessa oração, a voz autoral contextualiza o surgimento da Sociolinguística no Brasil. Ressaltamos, em relação a esse ponto, a escolha da voz autoral pelo processo ‘influenciar’ que, em comparação ao sentido de outro processo em potencial, como ‘embasar’, conota um sentido de ‘menor cientificidade’. A oração (14) “[...] quando estudos de sociolinguística surgiram nas principais universidades do Brasil” também atua para essa contextualização por meio de uma oração existencial.

(1) A **teoria sociolinguística** começou a se infiltrar no sistema educacional brasileiro a partir da década de 1980. (2) A influência [da **sociolinguística**] coincide com a expansão do ensino básico, uma das causas da queda da qualidade do sistema público, segundo vários especialistas.

[...]

Quadro 3 - Bloco 2 de orações

No B2, a Sociolinguística, participante da oração (1), “A teoria sociolinguística começou a se infiltrar no sistema educacional brasileiro a partir da década de 1980”, é Portador do processo ‘infiltrar’. Classificamos a oração (1) como relacional circunstancial por entender que ela equivale ao esquema ‘A está em X’. O efeito de sentido produzido é o de ser parte do sistema educacional brasileiro. Especificamente, a escolha pelo processo ‘infiltrar’ forma uma rede de sentidos os quais podem remeter a entrar sem ser convidado (espionagem, em termos abstratos) ou mesmo a invadir (infiltração, vazamento, em termos concretos). Já em (2), “A influência [da Sociolinguística] coincide com a expansão do ensino básico, uma das causas da queda da qualidade do sistema público, segundo vários especialistas”, parece ocorrer uma relação de causa e efeito entre a influência da Sociolinguística e a queda da qualidade nas escolas públicas. Isso pode ser observado pelo processo relacional ‘coincidir’, que tem a Sociolinguística como Portador.

É preciso esclarecer, porém, que (1) a **sociolinguística** não defende que a norma culta seja renegada pelas escolas.

Quadro 4 - Bloco 3 de orações

No B3, em (1) “[...] a sociolinguística não defende que a norma culta seja renegada pelas escolas”, identificamos um processo verbal, cujo Dizente é a Sociolinguística. Essa oração projeta outra a partir da qual é possível interpretar que a Sociolinguística não se refere apenas a variedades linguísticas não-padrão, mas também à norma-padrão da língua.

Finalmente, em 1998, (1) as **ideias apresentadas por Labov e desenvolvidas por pesquisadores** brasileiros [ideias] foram incorporadas pelo estado, (2) ao serem [ideias] incluídas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), do MEC [...]
(3) Atualmente, inúmeros **estudos com esse viés** orientam centros de pesquisa pelo país [...]

Quadro 5 - Bloco 4 de orações

Nas orações (1), “[...] as ideias apresentadas por Labov e desenvolvidas por pesquisadores brasileiros [ideias] foram incorporadas pelo estado”, e (2), “[...] ao serem [ideias] incluídas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), do MEC”, do B4, identificamos o momento em que Sociolinguística é adotada pelo Estado brasileiro, finalizando um processo de ‘infiltração’ que havia começado na década de 1970, nos termos metafóricos da voz autoral. Isso ocorre por meio dos processos material receptivo em que a Sociolinguística figura como Meta. Já em (3), “Atualmente, inúmeros estudos com esse viés orientam centros de pesquisa pelo país”, a voz autoral contextualiza a influência da Sociolinguística nos dias atuais, por meio de um processo material, em que ‘estudos com esse viés’, recurso remissivo para Sociolinguística, desempenha a função léxico-gramatical de Ator.

(1) Que **o assunto** seja tema de pesquisa acadêmica e subsídio para a formação de professores não se discute.[...]

(2) "**Esse não é um tema** (3) que deve ser levado para a sala de aula, seja para crianças, seja para adultos em fase de alfabetização", diz Miriam Paura, educadora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Quadro 6 - Bloco 5 de orações

Na oração (1) do B5, “Que o assunto seja tema de pesquisa acadêmica e subsídio para a formação de professores”, observamos que a voz autoral representa a Sociolinguística como algo restrito ao campo acadêmico e a teorias que subsidiam a formação do professor. Tal classificação realiza-se por uma oração relacional em que ‘o assunto’ é Portador dos Atributos ‘tema de pesquisa acadêmica’ e ‘subsídio para a formação de professores’. As orações (2), “Esse não é um tema”, e (3), “[tema] que deve ser levado para a sala de aula, seja para crianças, seja para adultos em fase de alfabetização”, reforçam essa ideia por meio de um processo relacional em (2) e um processo material receptivo em (3), em que ‘esse’ e ‘tema’, recursos remissivos à Sociolinguística, desempenham as funções de Portador e Meta respectivamente. Compreendemos, dessas escolhas léxico-gramaticais, que a voz autoral restringe o campo de atuação da Sociolinguística ao âmbito acadêmico por meio da escolha de um processo relacional (“não é tema”), que se sobrepõe ao material (“deve ser levado”), produzindo a seguinte representação: ‘Sociolinguística não é assunto para sala de aula’. A voz autoral, ao lançar mão da polaridade negativa, limita o espaço para interpretações outras que não aquelas fundadas em dicotomias (‘é X; não é Y’). Essa escolha realizada a partir do sistema da língua remete a uma visão positivista e hegemônica de ciência, isto é, uma visão cartesiana, pautada em verdades absolutas e avessa a relativismos (CAMERON et al., 1992, p. 6-7).

A fim de melhor visualizarmos a classificação dos papéis léxico-gramaticais atribuídos à Sociolinguística, apresentamos uma representação visual desses na Figura 1:

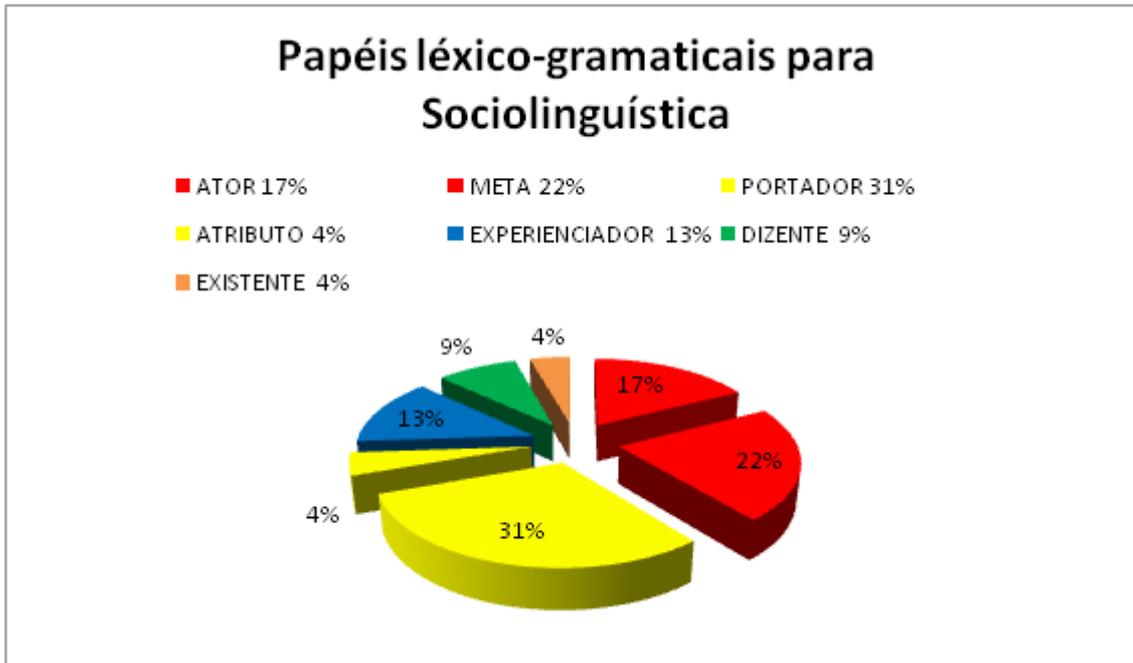


Figura 1 - Identificação dos papéis léxico-gramaticais para a Sociolinguística

Passemos à discussão dos resultados da análise.

Discussão dos dados e considerações finais

Ao mapearmos e analisarmos as escolhas léxico-gramaticais da voz autoral, identificamos 39% das orações apresentando processos materiais, dos quais em 22% a Sociolinguística figura como Meta e, em 17%, como Ator. Enquanto Meta, Sociolinguística é representada pelos seguintes processos: “usada de maneira torta”, “misturada a blá blá blá ideológico”, “desenvolvida por pesquisadores brasileiros”, “incluída nos PCNs” e “[não] deve ser levada para sala de aula”. Nessa função, Sociolinguística aparece relacionada ao contexto educacional (não acadêmico) brasileiro e ao livro didático (via PCN), fonte geradora da polêmica em questão. No papel de Ator, observamos que Sociolinguística é representada como tentando abordar a linguagem cientificamente, levando estudantes universitários à reflexão, influenciando pesquisadores brasileiros e orientando pesquisas. Nessas orações, entendemos que a Sociolinguística está restrita ao âmbito acadêmico, onde seu papel social é o de ‘deflagrar’ mudanças por meio da pesquisa acadêmica - um processo de mudança *per se*.

Em 31% das orações analisadas, a voz autoral instancia uma representação para a Sociolinguística por meio da função léxico-gramatical de Portador. Considerando que as orações

relacionais servem para atribuir ou identificar, compreendemos que essas orações são empregadas para conceituar a Sociolinguística e atribuir a ela certas características. A voz autoral lançou mão dessas orações para explicar a Sociolinguística ao público leitor, realizando uma recontextualização de seus aportes teóricos (ou parte deles). No entanto, algumas escolhas léxico-gramaticais, como os Atributos “mostra informativa - e divertida”, “desatino”, “[não] tema de sala de aula”, bem como o processo “infiltrar”, constroem representações sobre a Sociolinguística menos como ‘ciência’ e mais como algo engraçado, um disparate e impróprio para a sala de aula, isto é, indesejado para o contexto escolar.

Nas orações identificadas como realizando processos mentais (13%), apenas uma possui como Experienciador um ser dotado de consciência. Nas outras, Sociolinguística é que aparece como uma entidade dotada de consciência. Nessas, a Sociolinguística é representada como “buscando entender” as variações linguísticas de um idioma e menosprezando as diferenças entre o que é considerado certo e errado em termos de uso de língua. A voz autoral utiliza orações mentais para personificar a Sociolinguística e representá-la como uma entidade capaz de tentar compreender seu Fenômeno e desvalorizar o que é da ordem do ‘correto’, da ‘norma’ no uso da língua.

Por fim, em 9% das orações nas quais a Sociolinguística (ou um de seus recursos remissivos) aparece como elemento participante, esta é representada como Dizente dos processos verbais “propagar ideia” e “defender”. No primeiro caso, a Sociolinguística é representada como a difusora de ideias contrárias à norma padrão e à educação formal. Disso, depreendemos que, para a Sociolinguística, a educação formal está associada ao sentido de obrigação, e não de benefício. No entanto, no segundo caso, há uma ressalva quanto ao que a ciência se propõe em relação ao ensino da norma padrão na escola.

Em menor medida (4% apenas), a voz autoral faz uso de uma oração existencial quando da referência ao surgimento da Sociolinguística no Brasil. Observamos que essa oração é utilizada para contextualizar o momento em que a Sociolinguística passa a figurar no meio acadêmico e educacional brasileiros.

A fim de concluirmos este texto, reiteramos que nosso propósito foi analisar a representação léxico-gramatical da Sociolinguística em uma notícia sobre a polêmica midiática do livro didático do MEC da revista “Veja” *online*. Para isso, embasamo-nos na perspectiva teórica da Linguística Sistêmico-Funcional, mais especificamente, no sistema de transitividade, que visa a dar conta da análise da metafunção representacional (ou ideacional), descrita por Halliday e Matthiessen (2004).

Por meio desse sistema, pudemos identificar a representação da Sociolinguística, majoritariamente, por meio do participante Portador. Por essa razão, em termos de papéis léxico-gramaticais, a Sociolinguística figura como Portador de Atributos que, conforme já mencionamos, a

caracterizam como algo da ordem da diversão (do passatempo), do *nonsense* e da inutilidade (para a sala de aula). O segundo papel léxico-gramatical mais recorrente foi Meta, que a representou ora associada a questões ideológicas, de mau uso, logo, impróprias para a sala de aula (maior recorrência), ora como subsídio para os PCNs e tema de pesquisa. Por fim, identificamos o papel léxico-gramatical de Ator, pelo qual a Sociolinguística é associada ao âmbito acadêmico, sendo representada como agente de mudança (‘deflagadora’ de pesquisa), porém, confinada aos muros da academia. Essa representação está relacionada a uma visão canônica de ciência (HILGARTNER, 1990; MYERS, 2003, p. 266), uma vez que a situa nos limites do laboratório, entendido como *locus* privilegiado de cientistas apenas; o público, nessa visão tradicional, é entendido como tábua rasa para quem o conhecimento é direcionado. Assim, concluímos que a Sociolinguística só pode ser ciência (sob a visão tradicional) na academia; no mundo da vida, isto é, na escola, a Sociolinguística é representada como um mecanismo de distorção de uma aprendizagem que se deseja adequada, visão essa homogeneizadora e silenciadora das variedades da língua, inerentes a diversidades de práticas sociais.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail./VOLOCHÍNOV. *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Organização: Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel. Tradução e adaptação: Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BORTOLUZZI, Valéria. Representações sociodiscursivas da palavra: porque o dizer pessoal é social. In: DELLA MÉA, Célia Helena de Pellegrini; BORTOLUZZI, Valéria. *A palavra e suas representações*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- CAMERON, Deborah. et al. *Researching language: issues of power and method*. New York: Routledge, 1992.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Media Discourse*. London: Edward Arnold, 1995.

FRANCESCHINI, Felipe. Notícia e reportagem: sutis diferenças. *Comum*, Rio de Janeiro, v.9, n. 22, p. 144-155, 2004.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Scotta. *Introdução à Gramática Sistêmico-funcional em Língua Portuguesa*. Santa Maria: UFSM/CAL/DLV, 2010.

GOULART, Natália. As lições do livro que ‘desensina’. *Veja* [online], 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/as-liceos-do-livro-que-desensina>>. Acesso: em 13 jun. 2012.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *An Introduction to Functional Grammar*. 3rd ed. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael. Part A. In: HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social semiotic-perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____. *Language as a social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.

HILGARTNER, Stephen. The dominant view of popularization: conceptual problems, political uses. *Social Studies of Science*, v. 20, n. 3, p. 519-539, 1990.

LABOV, William. *Sociolinguist patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972

LAGE, Nilson. *A estrutura da notícia*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.

MARCUZZO, Patrícia. *Ciência em debate?: Uma análise das vozes em notícias de popularização da ciência*. 2011. 176f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MILLER, Carolyn. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Organização: Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MOTTA-ROTH, Désirée. Popularização da ciência como prática social e discursiva. In: _____; GIERING, Maria Eduarda. (Orgs.). Discursos de popularização da ciência. *Hipers@beres* - Vol 1. Santa Maria, RS: PPGL Editores, 2009. Disponível em <<http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeI/>>. Acesso em: 22 Jun., 2012.

_____; LOVATO, Cristina dos Santos. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. *Linguagem em (Dis)curso*. v.9, n.2, mai/ago, p. 233-271, 2009.

MYERS, Greg. Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries. *Discourse Studies*, v. 5, n. 2, p. 265-279, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, [1916] 2006.